

OS ARLEQUINS

SATIRA

(1864)

Que deviendra dans l'éternité l'âme d'un
homme qui a fait Polichinelle toute sa vie?

MME. DE STAËL

Musa, depõe a lira!
Cantos de amor, cantos de glória esquece!
Novo assunto aparece
Que o gênio move e a indignação inspira.
5 Esta esfera é mais vasta,
E vence a letra nova a letra antiga!
Musa, toma a vergasta,
E os arlequins fustiga!

10 Como aos olhos de Roma,
– Cadáver do que foi, pálido império
De Caio e de Tibério, –
O filho de Agripina ousado assoma;
E a lira sobraçando,
Ante o povo idiota e amedrontado,
15 Pedia, ameaçando,
O aplauso acostumado;

E o povo que beijava
Outrora ao deus Calígula o vestido,
De novo submetido
20 Ao régio saltimbanco o aplauso dava.
E tu, tu não te abrias,
Ó céu de Roma, à cena degradante!
E tu, tu não caías,
Ó raio chamejante!

25 Tal na história que passa
Neste de luzes século famoso,
 O engenho portentoso
Sabe iludir a néscia populaça;
 Não busca o mal tecido
30 Canto de outrora; a moderna insolência
 Não encanta o ouvido,
 Fascina a consciência!

 Vede; o aspecto vistoso,
O olhar seguro, altivo e penetrante,
35 E certo ar arrogante
Que impõe com aparências de assombroso;
 Não vacila, não tomba,
Caminha sobre a corda firme e alerta:
 Tem consigo a maromba
40 E a ovação é certa.

 Tamanha gentileza,
Tal segurança, ostentação tão grande,
 A multidão expande
Com ares de legítima grandeza.
45 O gosto pervertido
Acha o sublime neste abatimento,
 E dá-lhe agradecido
 O louro e o monumento.

 Do saber, da virtude,
50 Logra fazer, em prêmio dos trabalhos,
 Um manto de retalhos
Que a consciência universal ilude.
 Não cora, não se peja
Do papel, nem da máscara indecente,
55 E ainda inspira inveja
 Esta glória insolente!

 Não são contrastes novos;
Já vêm de longe; e de remotos dias
 Tornam em cinzas frias
60 O amor da pátria e as ilusões dos povos.
 Torpe ambição sem peias
De mocidade em mocidade corre,
 E o culto das ideias
 Treme, convulsa e morre.

65 Que sonho apetecido
Leva o ânimo vil a tais empresas?
 O sonho das baixezas:
Um fumo que se esvai e um vão ruído;
 Uma sombra ilusória
70 Que a turba adora ignorante e rude;
 E a esta infausta glória
 Imola-se a virtude.

 A tão estranha liça
Chega a hora por fim do encerramento,
75 E lá soa o momento
Em que reluz a espada da justiça.
 Então, musa da história,
Abres o grande livro, e sem detença
 À envilecida glória
80 Fulminas a sentença.

MACHADO DE ASSIS

[*Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864. p. 81-85.]

Editores: José Américo Miranda e Alex Sander Luiz Campos.